

ANEXO 10 – ICONOGRAFIA

(FIGURA 40)



Em pé: Joaquim Branco, Aquiles Branco, Lecy Delfim; sentados: Ronaldo Werneck, Célio Lacerda e Plínio Guilherme Filho (1962)

(FIGURA 41)



Grupo de teatro do “SLD”: Bebeto Bittencourt, Aurora Novarino, Carlos Vasconcelos, Carlos Sérgio Bittencourt, Simão José Silva, Joaquim Branco, Ronaldo Werneck, Messias dos Santos e Ivan Rocha (1967) (em *Carta aos Ases*)

(FIGURA 42)



Remanescentes do grupo Totem: P. J. Ribeiro, Aquiles Branco, Joaquim Branco, Carlos Sérgio Bittencourt e Ronaldo Werneck (2004)

(FIGURA 43)



Organizadores do I Festival Audiovisual de Cataguases (música e poema-processo): Joaquim Branco, Sebastião Carvalho, Lila Gonçalves, Ronaldo Werneck, Carlo Del Prete, Geraldo Português.(1969)

(FIGURA 44)



Monumento a Humberto Mauro, em
Cataguases, criado por Amílcar de Castro (2004)

(FIGURA 45)



Escultura de Jan Zach, nos jardins do Hotel Cataguases
(2004)

(FIGURA 46)



Grupo Totem (Aquiles, Pedro, Márcia, Joaquim, Ronaldo e Carlos Sérgio) e Paulo Augusto Gomes e Marcelo Cabral entrevistam Francisco Inácio Peixoto para as comemorações dos seus 70 anos (1977)

(FIGURA 47)



Ronaldo Werneck, Joaquim Branco e Rosário Fusco (1975)

(FIGURA 48)



Em pé: Ronald Claver, Mário de Oliveira, Delson Gonçalves; sentados: Mauro Sérgio\\\\\\\\ Fernandes, Francisco I.Peixoto, Joaquim Branco e Levy Simões da Costa, no lançamento de *Abstrações de um tigre*, de P. J. Ribeiro (1977)

(FIGURA 49)



Sebastião Carvalho e Ronaldo Azeredo (1968), em São Paulo

(FIGURA 50)



O poeta Sebastião Carvalho em cena com Cecília Pereira, para a capa do suplemento "Totem" nº 1, em 1968

(FIGURA 51)



Martins Mendes, Guilhermino Cesar, Enrique de Resende, Chico Peixoto, D.Amelinha, Marques Rebelo e Humberto Mauro, na platéia de *Carta aos Ases*, em homenagem aos Verdes (1967).

(FIGURA 52)



Ítalo Moriconi, Joaquim Branco, Raquel Abi-Sâmara, Marcelo e Ana Chiara, na UERJ (2005)

(FIGURA 53)



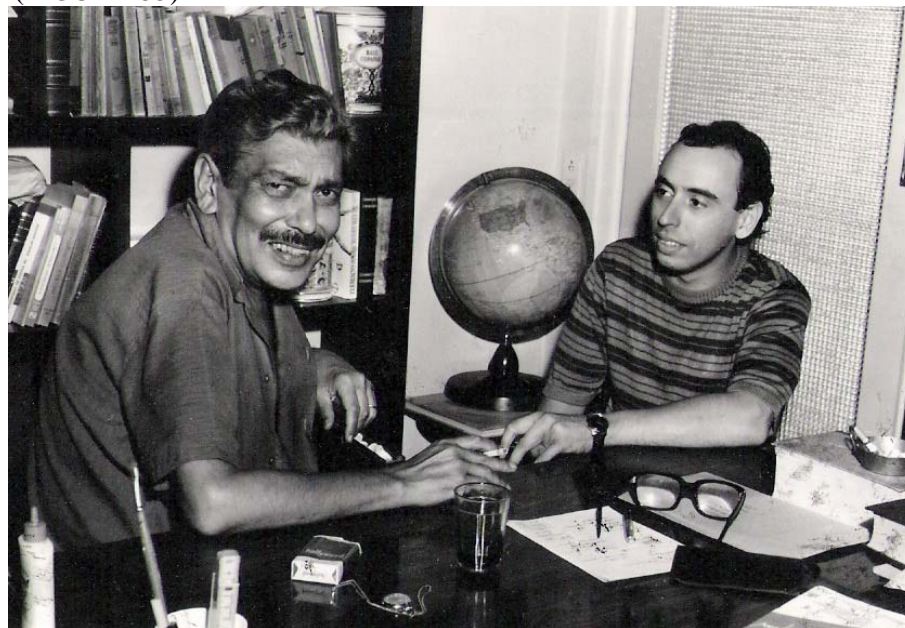
Joaquim Branco, Rosário Fusco e Bebeto Bittencourt, na entrada do Hotel Cataguases (1967)

(FIGURA 54)



Joaquim Branco e Luiz Ruffato, na noite de lançamento de seus livros, no Instituto Francisca de Souza Peixoto (2002)

(FIGURA 55)



Rosário Fusco e Joaquim Branco (1968)

(FIGURA 56)

Joaquim Branco autografa o livro *Passagem para a Modernidade* para Luiz Carlos Abritta e família (2002)

(FIGURA 57)



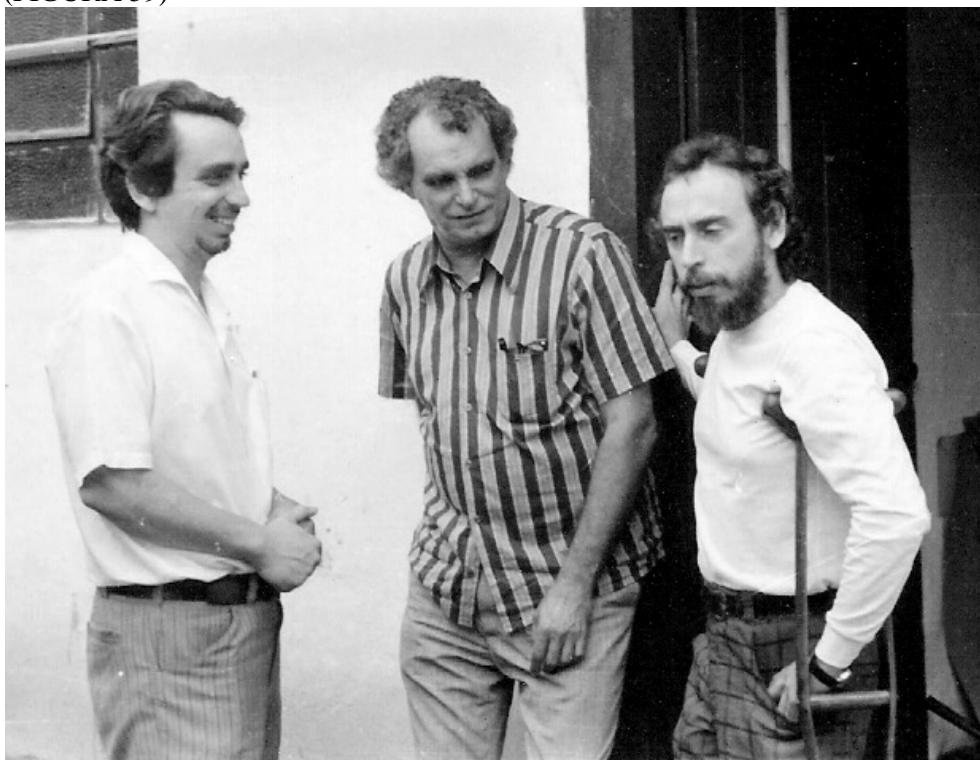
Equipe Totem: Joaquim Branco, Carlos Sérgio Bittencourt, Aquiles Branco e Ronaldo Werneck (1975)

(FIGURA 58)



P. J. Ribeiro e Hícaro Icks montando a Exposição de Poemas no Museu Alípio Vaz em Cataguases

(FIGURA 59)



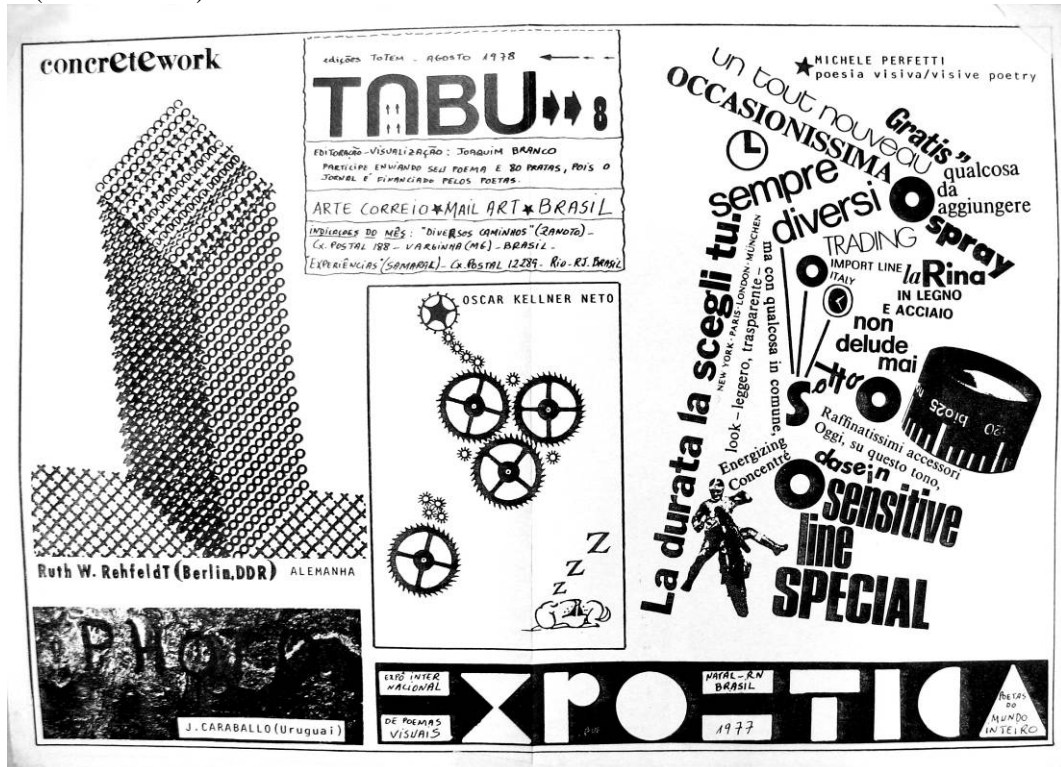
P. J. Ribeiro, Wladimir Dias-Pino e Joaquim Branco, em Cataguases (1976)

(FIGURA 60)



Em pé: Maria do Carmo e Ronaldo Werneck; sentados: Lina Tâmega, Vânia, Mariana Cardoso e Joaquim Branco (2004)

(FIGURA 61)

Uma das publicações do Grupo Totem, o jornal *Tabu*

(FIGURA 62)



Cristina Monteiro, Luiz Costa Lima e Joaquim Branco, na UERJ (2004)

(FIGURA 63)

foto paulocésar

montagem josérenato

SLD suplemento/literatura/difusão
 anexo ao "cataguases"
 cataguases mg. 17/3/1968
 correspondência: av. astolfo Dutra, 247

para
 affonso romano de sant'anna
 caetano veloso
 Cecilia

mais como do passado e sobrevivido
 nessa *precachão*, que o futuro
 arremessa o presente, *enfim*
 (translatação: "quea ressur")

misto de encantamento
 (floréria, imã-serpente
 gente sempre chegando)
 isto um encanto a menos

verdes vemos — rosa e louro
 o amor nascendo
 em fôca sombra do mouro
 de olharauto e firmístico

desassombro o homem
 mulher ombro / a / ombro

mística de um céu
 vagaberto, cisalado,
 vinculo a estreiteza
 de dois braços de sêda,
 vagar e longe

ô mais que princípios
 — príncipes —
 há nada mais há
 tudo é sêmprias
 se mentimos nemedimos
 quanta selidão
 a luz ensina
 e choramos cinzas
 para amanhã o cinismo
 de uns lermentar
 o sinistro de alguns

heróica!
 é ruína — herói
 eras virão onde
 os trovões de arrepio
 farão tremeler os mansenários
 em seus calderões de cio

e da sêde do povo parvo
 se fará uma lauta mesa,
 herói-herói, com a paz em pauta,
 caçando o tempo, a glória
 e os novos ventos belicosos

que de nr à minha asma
 mais falta faz é a arma
 que não arrefeço,
 pois se embosqueda te encontro,
 no achado,
 me procuram, certamente,
 e me acham,
 se vejo e não vigio.

— dama virgem, amiga dona,
 consente que um corpo
 se vare a bala,
 que, cateloscópio, eu me valho
 do estilhaço,
 e já sou todo a toda parte,
 desde a trilha trilhada
 das Antilhas
 à selva-pátria selvagido
 que ora abasteço com tua vida

(pois nela planto AmercAntil
 aos companheiros que a colham)

mais perigo sempre eu vira
 de Bikini, a ilha-urânio,
 com um coi'ar supprime
 ao mundo, Hiroxima,
 mais a mim que me faz falta
 à minha asma
 a arma que não arrefeço.

meu gôro, símbolo de guerra,
 a goela de meu povo, desprovido,
 um cinturão de balas, bumerangue,
 — eis que herança posso deixar

e pois a todos vos convido
 que eu me passo a me calar:
 escravo do amor, agora,
 cecilhada, c/aval da morte.

esse rifle junto ao corpo
 misto de dor e mágoa

esse grito

suspense e rouco

junto à amada.

esse rifle-brilho

clareando a mata

o rifle em riste

limite

entre amor

e amor

o que resiste.

balas bailam tontas

zunem zonzas

a metralha ruge

a mortalha rouge

nôvo leão de latinoamérica.

urge o fuzil

e seu officio

corde na sorte.

ô difícil

amar sem luta

urge o fuzil

e sabe a sangue essa fruta

o fuzil e sua sorte

amor e luta

seu officio e morte

rútila fruta.

1ª página do suplemento "SLD" nº 1, anexo ao jornal *Cataguases*

(FIGURA 64)



Um dos mais importantes poetas da atualidade brasileira, Wladimir Dias-Pino, Matogrossense, foi um dos lançadores do movimento da Poesia Concreta no Brasil em 1956, o do Poema-Processo em 1967, com uma grande equipe, em todo o território nacional.

Este depoimento gravado elucidou muitos acontecimentos de nossa vanguarda desde a década de 50 e mostra as posições claras e radicais desse grande poeta que é Wladimir Dias-Pino.

— Primeiro, Wladimir, é preciso esclarecer a diferença entre Poesia Concreta e Poema/Processo? Por que poesia e poema?
— Dentro da Poesia Concreta, por exemplo, poesia está ligada ao sentido do conteúdo. É importante: não pode existir o poético sem o conteúdo. O conteúdo é o mais importante no sentido de poesia, natural do poético. Agora, quando é o poema, depende do conteúdo, quer dizer, o grafismo ou a forma de registro é mais importante do que o conteúdo.
— É a própria linguagem da coisa gráfica...

— Então o poema pode ser poético ou não, como um quadro pode ser bonito ou não. O que importa é o processo de inscrição é mais importante do que o conteúdo. Então ele está muito mais próximo do sentido de linguagem do que a poesia.
— E todo se chegar a um poema não poético?

— O que é importante dentro do poema então passa a ser o processo do poema. Na poesia o que se lê é a estrutura, como foi estruturada a poesia.

— ...mesmo numa linguagem linear...

— Pois é. Já no poema, não. O que importa é o processo que ele encerra. Você vê o processo. Daí a possibilidade de versão. Na poesia se faz tradução do poético. Já no poema, não. Não se permite uma tradução do poema, mas uma versão.

— A Poesia Concreta foi lançada por quem, afinal? Por um grupo? O grupo de S. Paulo ou o de S. Paulo e o do Rio? Quem lançou oficialmente, não digo o pioneirismo individual, mas a coisa como movimento?

— Acredito que, como movimento, só posso considerar a exposição que foi feita em 1956, a 1.ª em S. Paulo, depois no ano seguinte foi no Rio. Agora, em S. Paulo não houve repercussão nenhuma. Já no Rio, o Gullar trabalhava no Diário Carioca e havia uma grande pinimba entre o Diário Carioca e o Globo, e o Gullar sabidamente publicou uma foto com os poetas concretos na primeira página do Diário Carioca. O Globo no dia seguinte respondeu contra, tendo como exemplo um poema do Augusto, e com isso a exposição passou a ser assunto da primeira página de jornal, nos dois jornais mais importantes, na época, no Rio de Janeiro. Fizem parte desse movimento (da exposição) se se considerar como movimento inaugural da Poesia Concreta os seis poetas, não é?

— Quais são?

— O Augusto, o Décio, o Haroldo, o Ferreira Gullar, o Ronaldo Azeredo e eu.

— E a participação do Mário Faustino, foi na direção do SDJB (Suplemento Dominical do Jornal do Brasil)?

— Nem na direção. O Mário Faustino teve uma...
— E o Reinaldo Jardim?

WLADEMIR DIAS-PINO:

«a vanguarda antes de ser uma explosão é um tiro certo»

por Joaquim Branco

— Pois é, o Reinaldo Jardim vinha de uma experiência de Joaquim e Outros Meninos, ou um nome próprio e outros meninos, eu não sei agora, no momento. Ele vinha de uma poesia social. Então ele não tinha muita condição de entender de estado o movimento da Poesia Concreta. Nessa época inicial, ela era mais formal do que propriamente conteudística. Então, o Reinaldo era um indivíduo aberto e havia necessidade de uma promoção do Jornal do Brasil. E a poesia concreta por ser formal ela era essencialmente tipográfica, o que não acontece com o Poema/Processo. Ele não é nada tipográfico. Ele não tem nada que ver com a tipografia.

— Ele tem mais a ver com a linguagem, vamos comparar, da TV do que com a do jornal?

— É. Ele é mais do off-set do que da tipografia. Teria mais o sentido do carimbar do que do gravar tipográfico.

— Por causa dos tipos móveis?

— É. Por causa da imagem que participaria tanto ou mais ainda do que a própria letra. O JB apoiou também porque viu a maior possibilidade de maior divulgação tipográfica, através da Poesia Concreta. E tanto isso é verdade...

— ... que coincidiu com a reforma tipográfica do JB?

— Ela é que provocou, ela foi tão violenta...

— Foi o Amílcar de Castro quem fez?

— Não, não foi Amílcar de Castro.

— Foi a própria poesia concreta?

— Foi a própria poesia que criou condição de abrir. O Amílcar de Castro participou com alguns desenhos, com algumas sugestões, como diversas pessoas participaram. O JB naquele tempo não sala nem com coluna dupla assim, porque achavam na imprensa brasileira que isso era uma forma de livro, não de jornal. Por que então eu não trabalhei como paginador no JB? Eu não trabalhei porque eu era vitrinista e ganhava muito mais, então não interessava pra mim esse tipo de trabalho.
— Quando ficou configurado o problema Noigandres X Poesia Concreta? Por que, em certo momento, o pessoal de S. Paulo engoliu o movimento? A turma do Rio passou a se chamar Neoconcretista e a de S. Paulo, Concretista?

— Na minha maneira de ver nunca houve cisão no movimento, sabe? Mesmo o Gullar, se você reparar, veja, havia uma diferença entre a formação do grupo Noigandres de S. Paulo e a formação do Gullar, naturalmente. Mas o movimento é feito também de uma série de elementos divergentes e ele por si é que vai dar dinamismo, razão de ser de luta dentro do próprio movimento. Vai alimentar o movimento. O negócio é o seguinte: o Gullar vivia chamando, com o Reinaldo Jardim, de Concretismo o movimento, até que, v. reparar a coleção do JB, não me lembro, parece que numa 5.ª feitura, saiu num rodapé uma seção que Reinaldo tinha, de notícias, em que tinha um professor norte-americano aqui no Brasil e que ia levar uma exposição para os Estados Unidos. Daí é que o Gullar passou a chamar Neoconcretismo, talvez por ser uma forma de não levar o pessoal de S. Paulo para a exposição. Acredito que seja isso. Realmente eu entendi dessa forma. Mas ele, ao chamar de Neoconcretismo, não estava encerrando o movimento concreto e nem separando, ele estava mostrando uma fase nova. Ele não deixa de ser concreto.



SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL "CATAGUASES" fevereiro/1977

EDIÇÃO/PROGRAMAÇÃO VISUAL: Joaquim Branco & Ronaldo Werneck

FOTOS: Wladimir Dias-Pino

MONTAGEM: Lucas Ferraz

SUPERVISÃO: P. J. Ribeiro

reprodução permitida sendo enviada a publicação resultante / reproduction permitted copy of publications is remitted trocamos publicações / exchange requested

TOTEM - Av. Astolfo Dutra, 247 - 36770 Cataguases (MG) - BRASIL Tel. DDD-032 - 421-1313

1ª página "Totem" nº 7, suplemento do jornal *Cataguases*